

**Idi i Smotri (Vem e Vê), Elem Klimov, U.R.S.S., 1985, 142 minutos**

Por João Camacho

«E quando Ele abriu o quarto selo, ouvi a voz do quarto ser vivente que dizia: “Vem”. Na visão apareceu o cavaleiro esverdeado. O cavaleiro chamava-se “Morte”; e o “Abismo” seguia atrás dele. Foi-lhe dado poder sobre a quarta parte da terra, para matar pela espada, pela fome, pela morte e pelas feras da terra.»

Ap. 6:7-8

*Vem e Vê* é o título em forma de «convite» da obra-prima do realizador soviético Elem Klimov. Esse «convite» não é só dirigido ao espectador, que pode, desde logo, ficar certo de ir assistir, não só a um filme (mais um) sobre a Segunda Guerra Mundial (ou a Grande Guerra Patriótica como é mais conhecida no contexto soviético), mas a uma obra sobre os horrores e loucuras dessa guerra. Esse «convite» é para Florya (Alexei Kravchenko), o rapaz de 14 ou 15 anos que surge logo no início a escavar a terra em busca de uma arma que possibilitasse a sua integração na resistência.



Fig. 1 – Cartaz russo de *Idi i Smotri*

A ofensiva alemã começara no verão de 1941 com a Operação Barbarossa. Por essa altura o general Kirponos, do comando militar soviético em Kiev, escrevera a

Estaline fazendo um pedido de evacuação das regiões fronteiriças, perante o iminente ataque, ao que este responde: «Isso seria um gesto de provocação. Não faça nada.» Fosse por não dispor, ainda, de recursos suficientes para um confronto decisivo, fosse por ter esperança na situação diplomática ou por qualquer intenção de ordem política, os territórios da «Rússia Branca» acabaram por ser conquistados. A resistência organizada começa logo depois, juntando soldados sobreviventes do Exército Vermelho e muitos guerrilheiros locais, voluntários, os «partizans».



Fig. 2 - «Glória aos resistentes que destruíram a rectaguarda inimiga» (cartaz soviético)

Florya deseja ir, «como todos», e o espectador acompanha o percurso do jovem, todos os horrores, os que ele vê e os que não vê: destacado para sentinela após a partida do grupo de guerrilheiros, Florya relaciona-se Glasha (Olga Mironova), e deslocam-se à aldeia desta para reencontrar os familiares; o local está deserto, a panela de sopa ainda quente mostra que talvez eles não estejam longe; correm, ao som de corvos e certos de chegar à sua presença, mas apenas Glasha repara no monte de corpos empilhados atrás de um celeiro. Florya é quase uma criança, inocente e sem grande agilidade mental. Nunca chega sequer a matar alguém, mas quando a guerra termina, as suas feições estão muito diferentes da anterior jovialidade.



Fig. 3 – O contraste entre o Florya do início e o do final

Quase todo o filme se desenrola numa ambiência carregada, pela noite, nevoeiro, sujidade (terra, esterco, lama), ou até pelo pântano em que Florya e Glasha caem e de onde lutam para sair, sublinhando-se assim, por vezes de forma excessiva, a malevolência dos acontecimentos. Há uma cadência pautada pela brutalidade, não raras vezes em tom realista (também na realização: Florya e os seus companheiros partem em busca de comida; encontram uma vaca, abençoada - fartura de leite e carne - «vamos encher a cara de boa vida», dizem; mas ninguém sobrevive para além dele, nem o próprio bovino - que é morto para o efeito). O que se passa a seguir baseia-se no típico método nazi. Chegados a uma aldeia, os habitantes são reunidos e organizados no largo «para viajar para a Alemanha»; «é proibido levar frutos e legumes para não contaminar a Europa», anunciam. Segue-se, porém, o massacre, o clímax, ao estilo de um «turismo bestial» a racionalidade é posta ao serviço barbárie. Esta tem a sua figura mais simbólica no oficial alemão, figura sinistra que caminha com um pequeno símio em enrolado do pescoço.



Fig. 4 –Florya é fotografado, enquanto os militares deliravam com o massacre

Será um retrato exagerado da acção alemã em terras eslavas? Não parece: centenas de aldeias bielorrussas foram destruídas e seus habitantes mortos. De resto, Ales Adamovich, o outro argumentista, forneceu as recordações da infância que passara nesse território. A catarse vem no final e ao som de Wolfgang A. Mozart.

*Idi i Smotri* estreou em 1985, marcando os quarenta anos do fim da Segunda Grande Guerra. Da realização releva-se o aprimorado rigor formalista, típico do cinema russo, com extremos cuidados técnicos e recurso a bons actores. Maurice Pialat disse um dia: «Felizmente para o cinema, Hitler existiu!» Mas estamos longe do cinema hollywoodiano que heroiciza o indivíduo e explora a técnica de «fazer mortos». No ano em que se celebra os setenta anos do fim do grande conflito mundial, esta é uma obra que dá a «outra» perspectiva (do ponto de vista ocidental), e sem eufemismos.

### **Ficha técnica:**

**Argumento:** Ales Adamovich e Elem Klimov, baseado em textos de Adamovich, entre os quais *A História de Katyn* e *Um Esquadrão* / **Diretor de fotografia** (35mm, Sovcolor): Alexei Rodionov / **Cenários:** Viktor Petrov / **Guarda-Roupa:** E. Semenova / **Música:** Oleg Yanchenko e trechos do *Requiem* de Mozart / **Montagem:** Belova / **Som:** V. Mors / **Interpretação:** Alexei Kravchenko (Florya), Olga Mironova (Glasha), Liubomiras Laucevicius, Vladas Bagdonas, Victor Lorents entre outros. **Produção:** Mosfilm.